

De doutores para simples mortais

03/04/2008 - São Paulo - Valor Econômico - Cyro Andrade

Quem quiser saber porque a pipoca custa mais caro nos cinemas pode encontrar respostas criativas nos livros de David Friedman ("Hidden Order") ou de Steven Landsburg ("The Armchair Economist"). Ambos pretendem surpreender o leitor com idéias sobre como se pode aplicar teoria econômica a assuntos do dia-a-dia das pessoas - nos Estados Unidos. Acabam, de alguma forma, entrando nos domínios da política econômica. E também há o livro talvez mais conhecido, consagrado nos Estados Unidos e em vários países no gênero "pop economics", o "Freakonomics", de Steven Levitt, que é diferente. Em vez de idéias, Levitt trata de questões, como ele mesmo já disse, que são de seu interesse pessoal, distanciadas de pontos de vista políticos. Estava faltando um livro para brasileiros interessados em compreender a lógica do fato econômico "brasileiro" e possíveis opções "brasileiras" de política, também escrito em linguagem acessível ao leigo em economia, mas que não fosse atraente só pelo tom engraçado ou mesmo bizarro dos temas tratados. É este "Economia Sem Truques", de Carlos Eduardo Soares Gonçalves e Bernardo Guimarães.

Como a comparação com "Freakonomics" (publicado no Brasil também pela Campus/Elsevier) será inevitável, Gonçalves faz a ressalva de que, em comum, os livros só têm o fato de serem de divulgação (da economia). "'Freakonomics' é uma coletânea de curiosidades, bizarrices", diz Gonçalves. Guimarães qualifica "Freakonomics" como "cocktail party economics". Os autores de "Economia sem Truques" escolheram outro caminho. Propõem-se, literalmente, "ensinar" economia, aplicando a questões concretas "o substrato da lógica econômica, buscando consolidar ao longo dos capítulos os pilares dessa lógica". De todo modo, a editora resolveu colocar na capa a frase "A versão verde e amarela do 'Freakonomics'", usada pelo economista Fabio Giambiagi em elogioso comentário que escreveu para a contracapa de "Economia Sem Truques".

Gonçalves e Guimarães escrevem sem americanismos - embora transitem por fatos e situações encontradas em outros países - para explicar teoria e prática econômicas a partir de demandas de informação encontradas na cabeça do brasileiro: com didatismo que não deixa de ser uma forma pop de fazer reflexões próprias de economia política, eles querem desmistificar a "econômica" nacional. Escrevem na apresentação: "O Brasil tem constantemente recorrido a truques de econômica para tentar resolver seus problemas, implementando políticas públicas que tentam remediá-los sem tocar em suas causas fundamentais. Claro está, os coelhos não têm saído da cartola. Ao longo deste livro, usaremos o arcabouço econômico tanto para desvendar os passes de econômica, como para pensar e propor soluções que de fato funcionem."

O subtítulo - "O mundo a partir das escolhas de cada um" - dá o tom e a linha de pensamento dos autores: são neoclássicos e, como tal, explicam o fato econômico, o funcionamento dos mercados, a partir das escolhas de indivíduos que se orientam por suas preferências subjetivas, racionais, sujeitos a um sistema de incentivos, num contexto em que os recursos disponíveis são limitados. Estão colocadas nessas referências as condições básicas sob as quais transcorrem as análises que fazem de questões relativas, por exemplo, a preços, salários, produção e emprego, a restrição orçamentária, falhas de mercado e de governo, previdência, educação, instituições políticas, mercados ilícitos.

São 20 capítulos, o último dos quais trata das "leis da econômica", uma espécie de exercício de prestidigitação que se faz quando se pretende impor ao mercado soluções legislativas ou regulamentares que violam princípios de economia, até mesmo os elementares. "A prática da econômica", afirmam os autores, "propõe leis que visam combater os sintomas e normalmente pouco fazem contra a doença. A economia fica então com uma grande quantidade de leis que têm sérios efeitos colaterais" - aí incluídos incentivos para a corrupção e a adoção de políticas públicas equivocadas e carentes de eficiência.

Gonçalves e Guimarães se consideram "neoclássicos liberais" e acadêmicos "modernos". "Ora estamos mais à esquerda, ora mais à direita", diz Guimarães. Gonçalves lembra que o livro tem um capítulo sobre "falhas de mercado" e outro, sobre "falhas de governo", sinal claro, argumenta, de que procuraram

esvaziar de traços ideológicos tanto as propostas temáticas como as análises.

Gonçalves fez uma descoberta. "Sempre achei que este seria um livro relevante. Mas não tinha pensado que pudéssemos, digamos, aprender mais economia fazendo o livro. Não tínhamos pensado que o ferramental de teoria e análise pudesse ser aplicado em certas situações. Por exemplo, no caso da distribuição de renda, de maneira que a questão pudesse ser entendida num cenário de falhas de mercado. Não compreendíamos as falhas de distribuição como falhas de mercado."

Guimarães queria ter lido "este livro" há 15 anos, quando era militante do PT. "Teria compreendido que é possível mudar o mundo, sim, mas não com leis que impõem isto e aquilo." Leis são necessárias, concorda, mas o que conta, para se compreender o sentido da economia como ramo do conhecimento e sua aplicação em políticas públicas, é admitir que tudo se resolve, com adequado nível de racionalidade, a partir da observação das escolhas que as pessoas fazem para se sentirem mais felizes - sem prejudicar os outros, é claro, e sem perguntar ao governo se podem fazer o que mais lhes agrada.

Carlos Eduardo Soares Gonçalves e Bernardo Guimarães têm a mesma idade (35 anos) e são engenheiros de produção formados na Escola Politécnica de São Paulo. Conheceram-se quando faziam mestrado na USP. Gonçalves fez doutorado na USP e hoje é pesquisador e professor na Faculdade de Economia e Administração. Guimarães, doutor em economia por Yale, é pesquisador e professor de economia na London School of Economics. Assinam, alternadamente, a coluna mensal "Crônica Econômica", neste Eu&Fim de Semana. O primeiro texto, de Gonçalves ("Conta de bar e Teoria dos Jogos"), foi publicado em 20 de março.